
RESENHAS



HABERER, Johanna. *Digitale Theologie: Gott und die Medienrevolution der Gegenwart*. München: Kösel, 2015.

Alexander De Bona Stahlhoefer¹

Um casal de idosos se senta no coro da *Lorenzkirche* em Nuremberga, Alemanha. Enquanto participo de um passeio guiado pela igreja, que durou cerca de 30 minutos, o casal permanece ali sentado. Tanto me chama à atenção que decido os observar por alguns minutos. Suas reações variam entre a admiração pelas obras de arte sacra e o silêncio contemplativo de quem busca algo maior, algo transcendente. Também observo um pequeno grupo de jovens acompanhados de uma guia. Ela, com grande empolgação, aponta para as inúmeras preciosidades da arte sacra penduradas por todos os lados. Os jovens, absortos, ocupam seus polegares digitando (ou jogando?) em seus *smartphones*. A única mudança de foco deles é quando a guia lhes aponta para a mais importante obra de arte da igreja, uma enorme representação da cena da Anunciação de Maria. Rapidamente cada um alterna para a câmera, em seus dispositivos móveis, e registra a obra, quem sabe para olhar mais tarde, ou talvez apenas para um *post* no *Instagram*. Os mais críticos poderiam depreender da minha observação críticas severas ao uso da tecnologia em ambiente sacro, religioso. Poderiam asseverar o quanto

¹ Bacharel em teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (2008), missionário na Missão Evangélica União Cristã, licenciado para doutorado em teologia sistemática na Friedrich-Alexander Universität Erlangen-Nürnberg. E-mail: alexander.stahlhoefer@meuc.org.br.

o uso de dispositivos móveis nos impede uma real experiência com o espaço litúrgico. Outros, no entanto, se empenham em compreender o sinal dos tempos, as mudanças na forma com que o mundo é entendido e experimentado, para então oferecer uma reflexão teológica e crítica sobre o papel da teologia, e até mesmo da fé cristã, no mundo digital. Com este propósito a professora de publicidade cristã na Universidade de Erlangen, Johanna Haberer reflete temas da teologia e sua relação com as novas mídias digitais em sua obra “Digitale Theologie: Gott und die Medienrevolution der Gegenwart” (Teologia digital: Deus e a revolução midiática da atualidade), lançado no primeiro semestre de 2015 pela editora Kösel.

A autora apresenta, na primeira parte de seu livro, fundamentos bíblico-teológicos que servirão de base para sua avaliação crítica da internet. A fundamentação exegética dos trechos bíblicos citados é, no entanto, questionável. Após a leitura da obra como um todo, tem-se a clara impressão de que Haberer busca nas Escrituras os textos que melhor se adequam às suas críticas. Talvez o fato de a autora insistir em chamar a Bíblia de “documento modelo do cristianismo”², em analogia aos arquivos-modelo que são utilizados nos softwares para criação de novos arquivos baseados nestes primeiros, retrata sua hermenêutica bíblica. Percebe-se, sobretudo, que ao citar as críticas de especialistas em comunicação e redes como Marshall McLuhan e Jaron Lanier, ela as assume e busca paralelos teológicos para as mesmas, não tecendo verdadeiro diálogo crítico da teologia com as reflexões sobre mídia e internet. Trata-se de uma concordância submissa da teologia com os críticos da internet, ou uma tentativa de demonstrar que a teologia também concorda com as críticas vindas da filosofia e das ciências da comunicação.

Na tradição da reforma protestante, Haberer percebe pontos de conexão positivos com a nova cultura criada pela internet. Ela entende que a liberdade pregada por Lutero é análoga à liberdade na internet, sobretudo a liberdade de interpretação das Escrituras poderia se assemelhar em sua dinâmica à liberdade para expressar opiniões e postá-las na internet. Da mesma forma, a maneira com que a Reforma se apropriou das mídias de seu tempo serve de analogia para como hoje as pessoas se utilizam dos meios na internet. Os panfletos, através dos quais a reforma alcançou vilarejos e a população em geral, são entendidos como precursores arquetípicos dos *blogs*, essencialmente pelo fato de este tipo de escritos ter servido para debates entre teólogos da reforma, humanistas e também de seus opositores. Além disto, a internet possibilita uma real reintrodução do

² HABERER, Johanna. **Digitale Theologie**: Gott und die Medienrevolution der Gegenwart. München: Kösel, 2015, p.12

conceito de sacerdócio universal, pois efetivamente habilita qualquer usuário a ser um participante da discussão pública, e não mais um mero ouvinte ou leitor. No entendimento de Haberer, a Reforma abriu o caminho para a construção da sociedade moderna, oferecendo as bases para a democracia, os direitos humanos, o pluralismo e a autonomia do ser humano. A Reforma ajudou a ressignificar o ser humano.

Na segunda parte da obra, Haberer procura compreender como o ser humano constrói sua identidade analisando alguns autores desde a igreja antiga até a atualidade. Ela interpreta a contribuição de Agostinho como aquele que vê o ser humano encontrando sua verdadeira identidade no outro, e este outro é propriamente Deus. Em Lutero, ela busca um teólogo que não se ocupa em descrever uma antropologia, mas em mostrar como o ser humano se torna livre quando este tem seu coração aberto pelo Espírito Santo por meio da palavra da pregação. Esta liberdade não visa uma autorredenção, mas objetiva o amor ao próximo. Em Martin Buber, a autora encontra a ideia de que o ser humano está num permanente espaço de diálogo do Eu com o Tu e do Eu com as coisas. O tu é entendido como o outro, como Deus. O mundo material é entendido como o mundo das coisas. Quando o ser humano está em um relacionamento com o tu, acontece o encontro imediato, sem barreiras. Porém o encontro com as coisas é impossível, pois exige um meio. O relacionamento com as coisas, porém, pode fazer com que o ser humano perca sua própria identidade. Em Bonhoeffer, a autora encontra um Eu fragmentado, em busca de uma unidade possível somente em Deus. Já em McLuhan, o ser humano na internet está sujeito a uma ampliação do Eu. Tal ampliação mediática do Eu, no entanto, tem ação reversa, ela não apenas expande os horizontes da pessoa, mas também modifica o Eu por causa do meio que o define. Cada mídia fortalece alguma capacidade do ser humano, mas também faz outras capacidades se atrofiarem, de forma que, tanto habilidades quanto consciência, atenção e construção de personalidade são afetadas e modificadas.

O ponto alto do livro são as críticas à internet, especialmente à indústria que se formou em razão dela. A internet em sua proposta contém estruturas religiosas que precisam ser denunciadas e criticadas. Haberer denuncia certo messianismo da internet que anuncia a possibilidade da “criação” de um mundo melhor. A internet adquire características divinas, pois através dos *big datas* consegue virtualmente ler a mente de seus usuários e algoritmicamente prever o futuro, ou pelo menos, calcular como um usuário se comportaria com base em suas atividades e preferências na rede. Além desta quase onisciência da rede, é possível falar de uma quase onipresença da rede. Basta pensar nos *gadgets* que acompanham nossa vida, e perceberemos o quanto a internet está presente em

nossos bolsos, pulsos, carros e televisão, por exemplo, permitindo que *apps* saibam instantaneamente onde nos encontramos e até qual o nosso batimento cardíaco e temperatura corporal. Estas características divinas da rede, longe de ser apenas uma forma de nos auxiliar no cotidiano, são também invasões da esfera privada, que afetam nossa forma de decidir e agir, seja pelas propagandas embutidas nos *apps*, seja pela forma com que eles nos direcionam a fazer o que algoritmicamente seria melhor para nós. Entendo desta crítica, usando uma linguagem luterana, que perdemos o livre arbítrio nas coisas inferiores para um deus cartesiano, matemático e orientado pelo mercado do marketing. A liberdade anunciada pela internet se torna assim em um cativeiro desta liberdade. O ser humano autônomo e guiado pela razão do Iluminismo se tornou em um ser cibernético, que ao interagir com a rede é por ela modificado, numa espécie de heteronomia líquida, onde não é possível reconhecer quais são as instâncias regulatórias e diretivas, pois estas estão diluídas na rede.

Haberer assume a crítica de McLuhan com relação à ampliação do Eu que resulta numa alteração do próprio Eu e da forma como o indivíduo compreende a realidade e a amplia através das críticas do historiador da arte Jonathan Crary, que entende que a capacidade de atenção do ser humano foi escravizada pelas relações midiáticas na rede. Ela questiona o que faz com que uma pessoa gaste o seu dia absorto em frente à tela de um dispositivo eletrônico, comunicando-se com o mundo todo, porém incapaz de se comunicar com quem está ao lado. Haberer constata que a comunicação na rede “economiza” desgaste emocional, pois uma relação amorosa, uma amizade, uma relação de trabalho, podem ser encerradas com uma simples mensagem de texto, sem a necessidade do confronto, da discussão e do questionamento. A conclusão é de que o ser humano se torna cada vez mais fechado em si mesmo, sua atenção se volta apenas para aquilo que corresponde aos seus interesses individuais e as múltiplas identidades possibilitadas pela internet são um refúgio do Eu para não precisar encarar as ambiguidades da vida em sociedade. A tão aclamada cultura do compartilhamento na rede não passa de mais uma promessa dúbia, que no máximo mascara os problemas do indivíduo e da sociedade, mas não os resolve.

Outra crítica dura da autora é dirigida a superficialidade com que os assuntos são tratados na rede. Ela ecoa o questionamento de Carr: “Será que é assim, que nós vamos acabar perdendo a profundidade da reflexão e da vida num atalho da percepção do mundo digital? Ou ainda como pergunta Morozow: “Será que nossa espiritualidade se reduzirá aos mitos da ficção científica?”³. A cultura

³ HABERER, 2015, p.145.

nerd pode até ser a moda do momento, e com certeza influencia e impregna o vocabulário e o pensamento dos *Millennials*, obrigando a teologia e a Igreja a traduzirem seus conteúdos para alcançar a nova geração. Porém, a profundidade na reflexão teológica, o alcance existencial de um debate presencial em um grupo doméstico, a experiência comunitária de um culto não cabem dentro de um *podcast*, de um vídeo no *YouTube*, nem mesmo num grupo de debate via *Facebook*. Um culto não se reduz a uma transmissão via *streaming* nem mesmo se possibilitarmos a utilização de um *Hangout*.

Haberer também percebe a mercantilização do indivíduo na Internet. Ela aponta para a falta de clareza na forma com que os dados de usuários são armazenados, manipulados e inclusive comercializados além da falta de legislações específicas que regulem as grandes corporações da internet. Estas, sendo tratadas como meras empresas transnacionais, agem, porém, quase como estados, inclusive firmando acordos com diversas nações para proteger seus ganhos e mercantilizar os dados dos seus usuários, que em suas mãos não passam de um produto a ser vendido para a indústria do marketing, à indústria farmacêutica e de pesquisa médica, ou à indústria de software. Cada uma destas indústrias tem a sua disposição um gigantesco banco de dados com informações reais sobre infundáveis públicos que podem servir de base para o desenvolvimento e melhoramento dos seus produtos e serviços, sem que as pessoas que ofereceram seus dados tenham consentido de forma realmente esclarecida com relação a este procedimento de coleta.

A partir da reflexão de Haberer, podemos perceber que a vida mediada pela internet não é capaz de oferecer comunidade, antes prescinde desta e, não por último, da própria dimensão do culto cristão comunitário para aqueles que se confessam cristãos. A “segunda tela” como são chamados os dispositivos móveis pelos especialistas em marketing televisivo, é uma opção dúbia para o testemunho da fé cristã, e um objeto paralelo à comunidade, que no máximo amplia a comunidade, mas não abre novos espaços de partilha e experiência, antes desfoca o seu utilizador da vivência em profundidade da fé cristã. Viver comunidade e compartilhar a fé cristã não tem mais seu símbolo na Ceia do Senhor, pois agora estes conceitos passam a ser um fenômeno midiático na rede. Não por menos, cristãos falam abertamente na internet que tem ojeriza de um aperto de mão com quem está sentado ao seu lado no banco da igreja. Para estes, o culto vira piada e os problemas da comunidade são motivo de riso em *sites* de humor cristão, fortalecendo uma postura antieclesiástica e anticomunitária, que em alguns casos é vista como virtude. As novas mídias, como um *tweet* com apenas 140 caracteres ou uma foto no *Instagram* ou ainda um limitado vídeo em alguma rede social se torna

um grito da liberdade para a espiritualidade cibernética. A atenção não está mais voltada para o corpo de Cristo que por meio da Palavra e dos Sacramentos media a comunicação do Espírito com sua Igreja e com o mundo. Agora as atenções se voltam para uma espiritualidade mediada pela internet, onde esta assume o lugar do Espírito, que de forma imediata se comunica apenas com indivíduos iniciados que formam comunidades virtuais, estas que apenas no seu conceito e na linguagem religiosa lembram comunidades cristãs reais. A internet, ao mesmo tempo, que aproxima pessoas distantes geograficamente, que permite a globalização da fé cristã, que oferece a possibilidade de evangelização sem fronteiras e ainda o acesso ilimitado ao conhecimento teológico e da reflexão cristã, afasta pessoas de um relacionamento transformador, questionador e inquietante, e por isto profundo. A internet abre espaço para a reflexão com conteúdos profundos. A pergunta que fica, no entanto, é: em que medida os conteúdos da fé cristã são entendidos, discutidos, vivenciados sem a existência de outro que questiona, acusa, contradiz e também motiva, alimenta e impulsiona? A criação da comunidade cristã virtual possibilitou também a criação de uma enorme trincheira, para onde cada um pode correr, ocultar-se e se proteger quando acusado e confrontado. A reinterpretação do decálogo por Haberer na conclusão de seu trabalho aponta, em meu ponto de vista, para a necessidade renovada da pregação da Lei e do Evangelho, e não somente do evangelho⁴. A falta da pregação da Lei (ou o ouvir atento desta) tem produzido um cristianismo virtual que não ouve e nem aceita a Lei em seu uso teológico e que sempre se esconde atrás de uma pregação do Evangelho da graça barata, aquele que sempre se adapta às preferências e ao perfil do usuário da fé cristã.

⁴ A autora aponta para a dimensão libertadora da justificação pela fé em Lutero e para a chave hermenêutica “do que promove a Cristo”, porém não aponta para a dimensão da Lei e do Evangelho como a distinção fundamental cunhada pelo Reformador.